

Perfil da prática da automedicação por estudantes de medicina

Overview of the practice of self-medication by medical students

DOI:10.34119/bjhrv4n5-032

Recebimento dos originais: 05/08/2021

Aceitação para publicação: 01/09/2021

Marcela Cirino de Brito

Graduação em Medicina pela Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG)

Instituição: Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG)

Endereço: Rua da Groenlândia, no 422 - Sion - BH - Minas Gerais, CEP: 30320-060

E-mail: marcelacdbrito@gmail.com

César Teixeira Castilho

Pós-Doutor em Sociologia (UFPR) e Doutor em "Ciências do Esporte e Motricidade Humana" (Université de Paris XI - Paris-Sud)

Instituição: Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Endereço: Rua Francisco Deslandes, no 823, ap. 301 - Anchieta - BH - Minas Gerais
CEP: 30310-530

E-mail: castcesarster@gmail.com

RESUMO

Introdução: A automedicação, caracterizada pela ministração de medicamentos sem orientação profissional ou com a dispensa de prescrição médica, é uma prática realizada pela população de forma generalizada, notoriamente de alta prevalência entre estudantes de medicina. Apesar de em certas situações se dar de forma benéfica, tomar medicamentos sem nenhum tipo de aconselhamento profissional, é uma atitude que configura sérios riscos à saúde, tanto individual quanto coletiva. **Objetivo:** Avaliar a prevalência e os fatores envolvidos na prática da automedicação por estudantes do curso de medicina. **Método:** Trata-se de um estudo observacional analítico de caráter transversal sobre o perfil da automedicação em acadêmicos de medicina, com enfoque na análise da prevalência da prática entre essa população. A amostra do estudo contou com 315 estudantes. Os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário eletrônico enviado por aplicativos de mensagens instantâneas a estudantes de medicina de uma faculdade privada de ensino superior do estado de Minas Gerais. Os dados obtidos foram tabulados e a análise das respostas se deu mediante uso do programa Minitab 18. Para a associação entre as variáveis categóricas foram utilizados o Teste exato de Fisher e o Teste qui-quadrado de Pearson. **Resultados:** A prevalência da automedicação na população estudada foi alta (92,7%), no período retroativo de 12 meses, e, mesmo os que não praticaram em nenhum momento nesse período relataram já terem se automedicado em algum momento da vida. Os medicamentos mais utilizados pelos participantes foram os analgésicos, seguidos dos AINES. A maior parte dos participantes (42%) respondeu que o ingresso no curso de medicina influenciou a intensificar a prática, enquanto que 33% assinalou que não influenciou em nada, 3% que influenciou a começar a praticar, 20% que influenciou a reduzir a prática e 2% que influenciou a não praticar. **Conclusão:** A identificação da prevalência da automedicação pelos estudantes de medicina é um importante marcador para auxiliar medidas cabíveis de intervenção quando necessárias,

para que os estudantes possam minimizar a realização inadequada desse hábito por si mesmos e para que assim possam auxiliar os futuros pacientes quanto ao assunto.

Palavras chaves: Automedicação, Estudantes de Medicina, Prevalência.

ABSTRACT

Introduction: Self-medication, characterized by the administration of medication without professional guidance or with the dispensing of medical prescription, is a practice widely performed by the population, notably of high prevalence among medical students. Although in certain situations it is beneficial, taking medication without any professional guidance is an action that can lead to serious health risks, both individual and collective. **Objective:** To assess the prevalence and the factors involved in the practice of self-medication by medical students. **Method:** This is an analytical observational cross-sectional study on the epidemiological profile of self-medication in medical students, focusing on the prevalence of the practice among this population. The study sample included 315 students. Data were collected through the application of an electronic questionnaire sent by instant messaging apps to medical students from a private college in the state of Minas Gerais. The data obtained were tabulated and the analysis of the answers was carried out using the Minitab 18 program. For the association between categorical variables, Fisher's exact test and Pearson's chi-square test were used. **Results:** The prevalence of self-medication in the studied population was high (92.7%) in the 12-month retroactive period, and even those who did not practice at any time during this period reported practising self-medicated at some point in their lives. The medications most used by the participants were analgesics, followed by NSAIDs. Most participants (42%) answered that entering the medical course influenced them to intensify the practice, while 33% indicated that it did not influence them at all, 3% that it influenced them to start practicing, 20% that it influenced them to reduce their practice and 2% responded that influenced them not to practice. **Conclusion:** The identification of the prevalence of self-medication by medical students is an important marker to help appropriate intervention measures when necessary, so that students can minimize the inadequate practice of this habit by themselves and so that they can help future patients with the subject matter.

Keywords: Self-Medication, Medical Students, Prevalence.

1 INTRODUÇÃO

A automedicação, caracterizada pela ministração de medicamentos sem orientação profissional ou com a dispensa de prescrição médica, é um hábito de alta adesão na sociedade brasileira de forma generalizada, mas é de maior prevalência ainda quando se avalia sua prática entre profissionais e estudantes da área da saúde^{1,2}. Uma parte considerável dos médicos que possuem a automedicação como um ato de rotina, a estabeleceram dessa forma, não quando já formados e atuantes, mas sim durante o período acadêmico da graduação³.

Um estudo conduzido por Hooper, Meakin e Jones⁴, em 2005, revela uma forte tendência de universitários do curso de medicina a desviarem do rumo convencional dos atendimentos de saúde e a se medicarem de forma autônoma⁴. Os motivos que os levam a isso perpassam alguns fatores, como por exemplo: a relutância em se aceitarem no papel de paciente; a crença de que um problema de saúde iminente pode prejudicar o rendimento escolar e que uma solução rápida é academicamente benéfica; a facilidade de acesso a consultas informais com parentes médicos ou com conhecidos que são profissionais da saúde; tentativas de melhorar as habilidades cognitivas com fármacos psicoativos; e, dentre diversos outros, a sensação de que o conhecimento adquirido com o curso é suficiente para saberem sanar sozinhos problemas de saúde que julgam ser de menor gravidade^{1,3,5}.

A prática da automedicação, se feita de forma indiscriminada, pode acarretar diversos problemas tanto para a saúde em âmbito individual, quanto na esfera da saúde coletiva. Essa prática pode ser ainda mais prejudicial quando feita por estudantes universitários de medicina quando comparados com outras pessoas pois, futuramente, além de exercerem influência como formadores de opinião, terão que trabalhar diariamente com a prescrição de fármacos e com a passagem de orientações aos pacientes em relação a todos os fatores que envolvem o uso correto de medicamentos⁶.

Apesar da automedicação ser considerada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma das facetas do autocuidado, a maneira como ela geralmente é feita a torna altamente perigosa⁷. Há vários riscos potenciais aos quais a pessoa praticante se expõe, sendo alguns deles: erros de diagnóstico, dependência do fármaco, erros de dosagem, efeitos adversos do medicamento, agravamento do quadro inicial, dentre inúmeros outros⁸. Como a automedicação é, em sua maioria, realizada de forma inadequada por estudantes da área da saúde em situações em que o indivíduo quer evitar um gasto de tempo, de custo monetário e para alívio rápido dos sintomas, há maior tendência de a prática não estar em conformidade com o lado benéfico preconizado pela OMS⁹.

Conhecer a quantidade de estudantes de medicina que praticam a automedicação indiscriminadamente possibilitaria uma base para estimação dos riscos desse hábito, além de uma fundamentação para políticas de intervenção e para a proposta de medidas que objetivassem a conscientização dos alunos sobre a gravidade dessa prática quando feita de maneira irracional. Ante o exposto, o presente estudo objetivou avaliar a prevalência

e os fatores envolvidos na prática da automedicação em estudantes do curso de medicina de uma faculdade privada de ensino superior do estado de Minas Gerais.

2 MÉTODO

2.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo observacional analítico de caráter transversal sobre o perfil da automedicação em acadêmicos de medicina, com enfoque na análise da prevalência da prática entre essa população. O período de realização do estudo se deu entre os meses de agosto de 2020 e agosto de 2021. Os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário eletrônico enviado por aplicativos de mensagens instantâneas a grupos de estudantes de diversos períodos da graduação de medicina de uma faculdade privada de ensino superior localizada na cidade de Belo Horizonte - Minas Gerais.

2.2 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa CEPCCM-MG. Os participantes do estudo, antes de se envolverem na pesquisa, foram devidamente informados a respeito dos benefícios e advertidos sobre os possíveis riscos aos quais poderiam estar submetidos ao optarem por cooperar com o estudo.

2.3 PARTICIPANTES

A amostra da pesquisa foi inteiramente constituída por acadêmicos do curso de medicina da instituição privada de ensino superior escolhida, selecionados de forma aleatória. O número de participantes foi estipulado por meio da seguinte fórmula para cálculo amostral¹⁰:

$$n = \frac{N.p.q.\left(\frac{Z\alpha}{2}\right)^2}{(N-1).(E)^2 + p.q.\left(\frac{Z\alpha}{2}\right)^2}$$

Na fórmula, n representa o tamanho da amostra; $Z\alpha/2$, o valor crítico para o grau de confiança desejado, que no caso é de: 1,96, com α de 5% e intervalo de confiança (IC) de 95%; E^2 , o erro máximo permitido, de 5%; N, o tamanho da população; p, a porcentagem com que o fenômeno se verifica; e q, a porcentagem complementar (100-p)¹⁰. Para p, o valor adotado será de 50%, pois não se sabe ao certo qual a prevalência da prática da automedicação por estudantes de medicina, sendo assim, se faz preferível utilizar uma aferição mais conservadora¹¹.

Os critérios de inclusão para participação da pesquisa foram: ser graduando do curso de medicina da faculdade selecionada, e possuir idade igual ou superior a 18 anos. Foram excluídos aqueles estudantes que não aderiram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ou que não cumpriram todos os passos dos procedimentos previamente estipulados.

2.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Como instrumento de coleta dos dados, o formulário utilizado continha 20 perguntas fechadas e foi baseado em dois questionários validados dos artigos “Automedicação em estudantes de medicina”, de autoria de Gushiken, Hayashida e Meletti (2013), e “Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira”, de Bernardes et al., (2020), em que foram feitas adaptações para o melhor direcionamento das perguntas aos objetivos do presente estudo^{12,13}.

A coleta de dados se deu entre os meses de novembro de 2020 e janeiro de 2021, e a aplicação dos questionários aos participantes foi realizada sob o formato de formulários eletrônicos online. O questionário elaborado foi transposto na íntegra para a ferramenta de gerenciamento de pesquisas, o Google Forms. O link do formulário final e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram enviados por aplicativos de mensagens instantâneas, nas mídias sociais, a grupos de estudantes de diversos períodos do curso de medicina.

Em relação às variáveis analisadas no questionário, as independentes foram: idade, período e sexo, a variável dependente avaliada foi a frequência da automedicação nos últimos 12 (doze) meses, e foi complementada pelas perguntas que avaliaram: as principais finalidades que motivaram a prática, os medicamentos mais usados, percepção dos efeitos adversos, se há algum malefício com a prática, se o estudante se sente mais apto a se automedicar por fazer o curso de medicina, se já utilizou do conhecimento adquirido durante o curso para se automedicar, se o estudante acha que o ingresso no curso de medicina influenciou a frequência da prática da automedicação, quem os indicou o medicamento sem prescrição médica e se já ofereceu medicamentos de uso próprio para outra pessoa.

2.5 ANÁLISE DE DADOS

A taxa de prevalência foi calculada de acordo com a fórmula abaixo, de maneira que o número de casos corresponde ao número de pessoas consideradas praticantes de automedicação. Esse valor foi obtido por meio da soma entre todas as respostas diferentes de “nenhuma” para a pergunta “Nos últimos 12 meses, com que frequência você realizou a automedicação?”.

$$\text{Prevalência} = \frac{\text{número de casos em determinado local e período} \times 100}{\text{população do mesmo local e período}}$$

Os dados obtidos foram tabulados e a análise das respostas se deu mediante uso do programa Minitab 18, software voltado para fins estatísticos. Para a associação entre as variáveis categóricas foram utilizados o Teste exato de Fisher e o Teste qui-quadrado de Pearson. Foram consideradas estatisticamente significativas as associações com um nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

3 RESULTADOS

Ao todo, 315 estudantes responderam ao questionário, sendo que todos se enquadravam dentro dos critérios de inclusão estipulados. Do total de participantes, 176 (56%) estão cursando o ciclo básico do curso de medicina (1º ao 4º período), 101 (32%) estão no ciclo clínico (5º ao 8º período), e 38 (12%) estão no internato (9º ao 12º período). Quanto ao sexo, 227 (72%) dos participantes são do sexo feminino e 88 (28%) do sexo masculino. Em relação à idade, 79 (25%) se incluem entre 18-19 anos, 205 (65%) estão na faixa etária de 20-24 anos, 22 (7%) entre 25-29 anos, e 9 (3%) estão com 30 ou mais anos de idade.

Ao serem perguntados sobre a automedicação, todos os participantes assinalaram já terem praticado em algum momento da vida, e, para a questão seguinte, referente ao uso do medicamento sem a prescrição, 88 responderam que foi indicado pelo farmacêutico, 217 responderam que havia o medicamento em casa e foi prescrito em outra situação, 170 responderam que havia o medicamento em casa mas foi comprado sem prescrição médica, 171 responderam que foi indicado por terceiros (amigos, familiares ou outras pessoas do convívio social), e 170 responderam que usaram medicamentos por conta própria, sem indicação prévia.

Com relação à frequência com que praticou a automedicação nos últimos 12 meses, 88 (28%) responderam de 1 a 3 vezes, 72 (23%) responderam de 4 a 7 vezes, 44

(14%) responderam de 8 a 10 vezes, 88 (28%) responderam 11 vezes ou mais, e 23 (7%) responderam nenhuma vez nesse período. A prevalência da automedicação foi calculada somando o número de pessoas que assinalou para essa pergunta qualquer resposta diferente de “nenhuma”, multiplicou-se essa soma por 100 e o resultado posteriormente foi dividido pelo total amostral, de acordo com a fórmula da prevalência. O resultado foi de uma prevalência de 92,7% na população estudada.

Ao serem questionados se acham que há algum malefício na prática da automedicação, 290 (92%) participantes responderam que sim, 9 (3%) responderam que não, e 16 (5%) responderam “não sei opinar”. Sobre os efeitos colaterais advindos da prática da automedicação, 233 (74%) assinalaram que nunca tiveram nenhum efeito, e 82 (26%) assinalaram que já.

A tabela 1 apresenta a associação entre a frequência da automedicação, e as variáveis idade, sexo, e ciclo da faculdade. Não houve evidências de associação estatisticamente significativa ($p > 0,05$) entre a frequência da automedicação e as variáveis idade e ciclo da faculdade, porém para a variável sexo foi evidenciada associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$).

Tabela 1. Associação entre a frequência da automedicação e as variáveis: idade, ciclo da faculdade e sexo

Variáveis	n (%)	Automedicação frequente* (n = 204)	Automedicação infrequente** (n = 111)	p valor
Idade				
18-19	79 (25%)	49 (24,0%)	30 (27,0%)	0,640
20-24	205 (65%)	137 (67,2%)	68 (61,3%)	
25-29	22 (7%)	12 (5,8%)	10 (9,0%)	
30 ou mais	9 (3%)	6 (3,0%)	3 (2,7%)	
Ciclo da faculdade				
Básico	176 (56%)	115 (56,4%)	61 (55,0%)	0,549
Clínico	101 (32%)	62 (30,4%)	39 (35,1%)	
Internato	38 (12%)	27 (13,2%)	11 (9,9%)	
Sexo				
Feminino	227 (72%)	156 (76,5%)	71 (64,0%)	0,018
Masculino	88 (28%)	48 (23,5%)	40 (36,0%)	

*Automedicação frequente: pessoas que responderam nenhuma ou 1 a 3 vezes para a pergunta da frequência com que praticaram a automedicação nos últimos 12 meses

**Automedicação infrequente: pessoas que responderam 4 a 7, 8 a 10 ou 11 ou mais vezes para a pergunta da frequência com que praticaram a automedicação nos últimos 12 meses

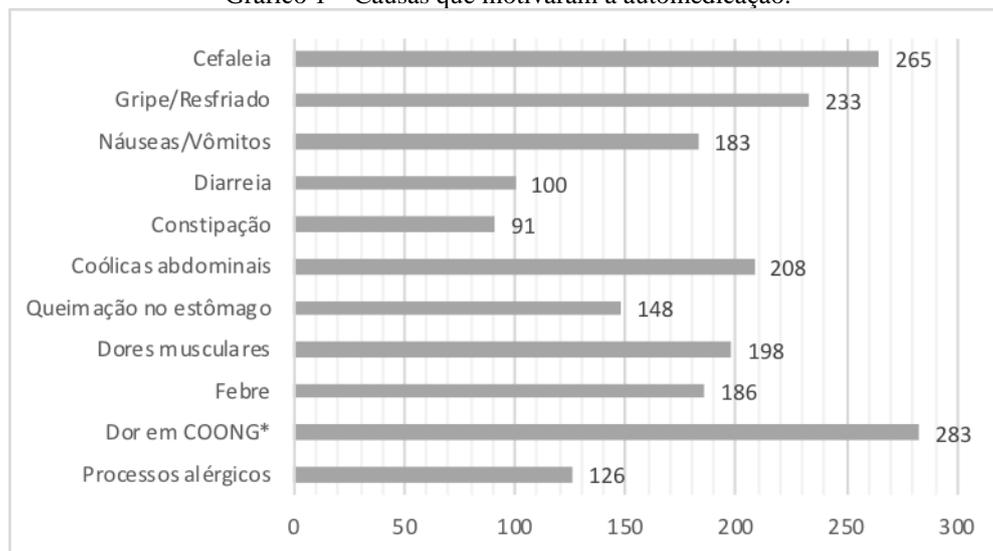
Sobre a frequência de consultas médicas nos últimos 12 meses, 98 (31%) responderam que compareceram ao médico por qualquer motivo de 2 a 4 vezes nesse

período, 73 (23%) responderam de 4 a 6 vezes, 73 (23%) responderam mais de 6 consultas durante esse período, 47 (15%) responderam apenas uma consulta, e 24 (8%) responderam nenhuma consulta médica.

Quando questionados se alguma vez já compraram algum medicamento sem receita 277 pessoas (88%) afirmaram que sim, e 38 pessoas (12%) negaram. Sobre o uso de receitas médicas desatualizadas 202 (64%) assinalaram que já utilizaram e 113 (36%) afirmaram que não. Em relação ao uso de medicamento de maneira incorreta após prescrição médica, em que os participantes poderiam marcar mais de uma das situações apresentadas, 183 pessoas assinalaram que tomaram em horário incorreto, 142 tomaram por menos tempo do que o indicado, 107 tomaram por mais tempo que o indicado, 98 tomaram em dosagem diferente da prescrita, 107 não seguiram todas as orientações médicas, e 70 nunca usaram os medicamentos de maneira discordante da prescrição.

As principais alterações do estado de saúde que impulsionaram a automedicação pelos participantes nos últimos 12 meses são apresentadas no gráfico 1:

Gráfico 1 – Causas que motivaram a automedicação.

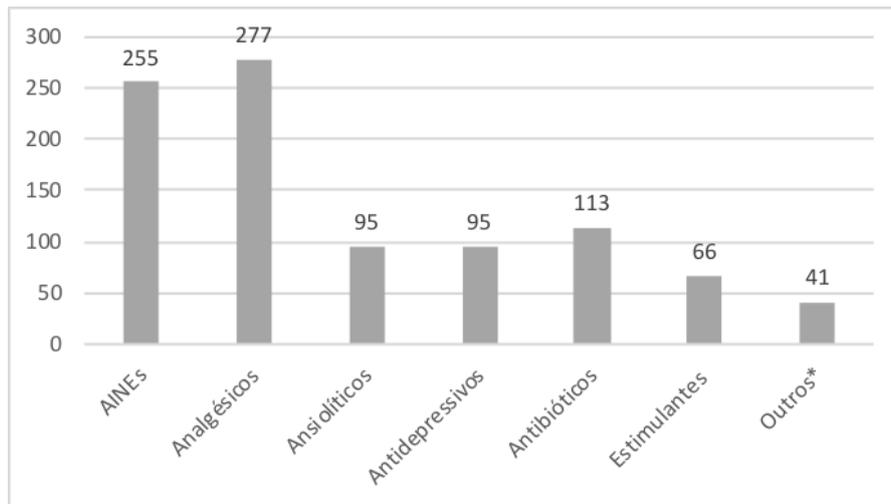


*Dor em COONG: dor de qualquer natureza em cabeça, olhos, ouvidos, nariz ou garganta

Quando perguntados se os participantes se sentem mais aptos a se automedicarem por serem estudantes do curso medicina, 192 (61%) afirmaram que sim, e 123 (39%) negaram. Em relação à pergunta “Você já utilizou do conhecimento adquirido no meio acadêmico para se automedicar?” 183 (58%) dos alunos responderam que sim, e 132 (42%) responderam que não.

Os principais medicamentos utilizados sem prescrição médica pelos participantes nos últimos 12 meses foram representados no gráfico 2:

Gráfico 2 – Principais medicamentos utilizados na automedicação.



*Outros: Os medicamentos escritos pelos participantes nessa categoria foram: vermífugos, anticoncepcionais, antitérmicos, antifúngicos e suplementos vitamínicos

Quanto à pergunta “Você já ofereceu medicamentos de uso próprio para outra pessoa?”, 145 (46%) dos participantes disseram que sim, enquanto que 170 (52%) disseram que não. Por fim, ao serem questionados se o ingresso no curso de medicina influenciou a frequência da automedicação, 132 (42%) responderam que influenciou a intensificar a prática, 10 (3%) assinalaram que influenciou a começar a praticar, 63 (20%) responderam que influenciou a reduzir a prática, 6 (2%) responderam que influenciou a não praticar, e 104 (33%) responderam que não influenciou em nada.

4 DISCUSSÃO

A automedicação constitui um hábito enraizado na cultura brasileira, que prevalece em todas as gerações, desde as de maior idade, até as mais jovens¹⁴. Esse hábito se alicerça de modo tão vigoroso na vivência cotidiana, que, no Brasil, aproximadamente 35% dos fármacos adquiridos em drogarias servem ao propósito da medicação autônoma¹⁵. Os resultados do presente estudo evidenciam essa realidade uma vez que a prevalência desta prática na população estudada foi de 92,7%, no período retroativo de 12 meses, e, mesmo os que não praticaram em nenhum momento nesse período relataram já ter se automedicado em algum momento da vida. Esse dado não é necessariamente algo negativo pois, quando feita de maneira ponderada, ajuizada e com prudência, a automedicação pode ser benéfica tanto em âmbito coletivo, já que promove, por exemplo, a redução das filas de espera nos postos de saúde e a minimização dos quadros de superlotação dos centros de pronto atendimento, quanto em âmbito individual, uma vez

que a pessoa evita um maior gasto de tempo e de custo, por dispensar o deslocamento, a espera, a consulta, e todos os outros fatores que abrangem o atendimento médico¹⁶.

Os medicamentos mais utilizados pelos participantes foram os analgésicos, que são fármacos de venda livre e com relativa segurança para a automedicação de uma forma geral. Entretanto, os medicamentos decrescentemente assinalados como os mais comuns para a prática, que foram os anti-inflamatórios não esteroidais, antibióticos, ansiolíticos e antidepressivos, são classes de fármacos que apresentam maiores riscos de gerar efeitos colaterais e potenciais complicações decorrentes do uso indevido. Alguns desses riscos perpassam a palição de diagnósticos nas fases iniciais das doenças, atraso do tratamento adequado, reações alérgicas, resistência bacteriana, dependência do medicamento, intoxicação, interação de mais de um fármaco que pode anular ou potencializar o efeito de algum deles, dentre diversos outros¹⁷. A grande maioria dos participantes pratica a automedicação estando conscientes de que pode ser algo perigoso, tendo em vista que 92% assinalou que há malefícios na automedicação, em contraposição a 5% que respondeu que não há, e 3% que assinalou não saber opinar sobre o assunto.

Segundo dados revelados em uma pesquisa publicada em abril de 2019, realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) por intermédio do Instituto Datafolha, cerca de 77% dos brasileiros têm a automedicação como uma prática rotineira, e a maioria dos entrevistados, além de se automedicarem com fármacos sem prescrição médica, também o fazem com medicamentos prescritos porém alteram fatores como a dose, a quantidade e o tempo de uso, ministrando o medicamento em desconformidade com as orientações passadas pelo profissional da saúde¹⁸.

Estes dados se contrastam de maneira congruente com o presente estudo, pois mais da metade dos participantes assinalaram se automedicar com fármacos prescritos porém de maneira indevida por tomarem em horário diferente, por mais ou menos tempo do que o indicado, em dosagem distinta da prescrita, e por não seguirem todas as orientações médicas, como tomar antes das refeições por exemplo, enquanto que a minoria dos participantes assinalou nunca ter usado os medicamentos de maneira discordante da prescrição. Isso mostra que há diversos fatores envolvidos na prática da automedicação que podem torna-la perigosa, pois, mesmo que haja uma fiscalização mais rígida da compra de fármacos que necessitam de prescrição médica, não há como realizar um controle sobre como a pessoa usará o medicamento em sua casa.

Além disso, outra informação interessante evidenciada pela pesquisa da CFF supracitada é a de que a automedicação se mostrou altamente difundida entre os

brasileiros mais jovens, de 16 a 24 anos (69%), que é justamente a faixa etária mais provável de se encontrar dentro de ambientes universitários¹⁸. De maneira semelhante, a faixa etária que compreende de 20-24 anos, neste estudo, foi a que mais apresentou a automedicação como prática frequente, seguido da faixa de 18-19 anos, e decrescendo em prevalência com o aumento da idade.

Ainda, a maior parte dos participantes (42%) respondeu que o ingresso no curso de medicina influenciou a intensificar a prática, enquanto que 33% assinalou que não influenciou em nada, e apenas 3% respondeu que influenciou a começar a praticar, o que significa que a maioria dos estudantes já realizava a automedicação anteriormente ao curso e a faculdade de medicina somente fomentou ou manteve a constância da prática. Do restante, 20% respondeu que influenciou a reduzir a prática e 2% que influenciou a não praticar.

Ante o exposto, é perceptível que estudantes de medicina compõe um grupo propenso à automedicação já que a área de formação médica, além de ser considerada como risco ocupacional para esse hábito por alguns autores, garante a fundamentação teórica para reconhecer alguns sintomas e direcionar a procura por medicamentos mais indicados para cada situação². Em conformidade com esse pressuposto, verificou-se, neste estudo, que a maioria (61%) dos participantes se sentem mais aptos a se automedicarem por serem estudantes do curso de medicina, e mais da metade (58%) já utilizou dos conhecimentos adquiridos no meio acadêmico para se automedicar. Isso nem sempre é algo que necessariamente trará malefícios, tendo em vista que 74% dos participantes relataram nunca terem sofrido nenhum efeito colateral advindo desta prática.

5 CONCLUSÃO

A automedicação por estudantes universitários já foi abordada em estudos anteriores cujas conclusões revelaram que pessoas com maior grau de instrução são grandes adeptos dessa modalidade de ministração de medicamentos, por acreditarem que o conhecimento que detém é suficiente para fazerem o uso por conta própria. Nesse contexto, a alta prevalência da automedicação em estudantes da área da saúde se fundamenta em alguns aspectos, como, a confiança adquirida com o estudo técnico, a facilidade de acesso aos fármacos, as tentativas de potencializar os estudos pela ingestão de psicotrópicos, e, entre outros, a indisposição à perda de tempo com o deslocamento e com a consulta.

A identificação da prevalência da automedicação pelos estudantes de medicina pode servir como um importante marcador para auxiliar medidas cabíveis de intervenção quando necessárias, como por exemplo, a implementação na grade curricular de matérias que abordem os riscos e benefícios da automedicação para que os estudantes possam minimizar a realização inadequada desse hábito por si mesmos e para que assim possam auxiliar os futuros pacientes quanto ao assunto. No presente estudo a automedicação se mostrou uma prática de características multifatoriais e de alta prevalência (92,7%) entre os estudantes de medicina participantes, entretanto, a pesquisa possui limitações por se tratar de um recorte amostral específico, dentro de uma única instituição de ensino superior, sendo ela uma faculdade particular.

Sendo assim, novos estudos devem ser conduzidos a fim de contribuir para o aprofundamento das discussões e reflexões sobre a problemática da automedicação, bem como sobre as possíveis implicações, positivas ou negativas, geradas por ela, para acrescer evidências à produção científica sobre a prevalência desta prática e os aspectos associados a ela no ambiente universitário do curso de medicina.

REFERÊNCIAS

1. CUNHA, Laís Fabrício de Oliveira; BACHUR, Tatiana Paschoalette Rodrigues. A influência da educação médica na prática da automedicação entre acadêmicos de medicina. **RevInter**, v. 12, n. 1, 2019.
2. PILGER, Maurício Castro et al. Automedicação entre acadêmicos de Medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS. **Rev. AMRIGS**, p. 26-31, 2016.
3. MONTGOMERY, A. J. et al. A review of self-medication in physicians and medical students. **Occupational medicine**, v. 61, n. 7, p. 490-497, 2011.
4. HOOPER, Clare; MEAKIN, Richard; JONES, Melvyn. Para onde os estudantes vão quando estão doentes: como os estudantes de medicina acessam os cuidados de saúde. **Educação médica**, v. 39, n. 6, p. 588-593, 2005.
5. LENZI, Rosinaide Valquiria; THOMAZIN NETO, Paulo; DOMBROSKI, Renato Douglas Pascoal. A prática da automedicação entre estudantes da área da saúde de uma instituição de ensino superior do município de Cacoal-RO. 2017.
6. AQUINO, Daniela Silva de; BARROS, José Augusto Cabral de; SILVA, Maria Dolores Paes da. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 2533-2538, 2010.
7. WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. The role of the pharmacist in selfmedication and self-care. **Geneva: WHO**, 1998.
8. ALVES, Damião Romero Firmino et al. Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 363-370, 2019.
9. DOMINGUES, Maria Paula Santos et al. Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde. **Visão Acadêmica**, v. 18, n. 2, 2017.
10. LIMA, M. F. P. et al. A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO EM CRIANÇA POR PAIS E RESPONSÁVEIS. **HOLOS**, v. 35, n. 5, p. 1-13, 2019.
11. DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, p. 319-330, 2017.
12. GUSHIKEN, Veronica Ozaki; HAYASHIDA, Monica Naomi; MELETTI, José Fernando Amaral. Automedicação em estudantes de medicina. **Perspectivas Médicas**, v. 24, n. 1, p. 10-19, 2013.
13. BERNARDES, Helena Cardoso et al. Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira/Epidemiological profile of self-medication among medical academics of a brazilian public university. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 4, p. 8631-8643, 2020.

14. BATAIER, Vanessa Sabatine et al. Automedicação entre docentes de nível superior. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 81, n. 19, 2017.
15. PEREIRA, Januaria Ramos et al. Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento. **Universidade da Região de Joinville**, 2008.
16. KISHI, Margarete Akemi; MENEGASSO, Pedro Eduardo; RIZZI, Raquel Cristina Delfini. MEDICAMENTOS ISENTOS DE PRESCRIÇÃO: Farmácia não é um simples comércio. *In*: CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Projeto Farmácia Estabelecimento de Saúde**. Brasília: [s. n.], 2010. v. Fascículo 2., ISBN 978-85-63931-05-4.
17. OLIVEIRA, Bruna Maria Cristino et al. AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. 2019.
18. COLLUCCI, Cláudia. Quase 80% dos brasileiros se automedicam, diz pesquisa Datafolha: maioria no país se automedica até quando tem receita médica. **Folha de São Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 32896, 27 abr. 2019. **Equilíbrio e Saúde**, p. B9. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/04/quase-80-dos-brasileiros-se-automedicam-diz-pesquisa-datafolha.shtml>. Acesso em: 13 jul. 2020.